

A Grande Máquina

Peça teatral em quatro atos

Texto de Roberto de A. Martins

Curitiba, 1977

Personagens: **Professor Asclépio**
Mecânico Yuri
Marta
Anita Iza
Rômulo
Ana
Nelson
Mestre
Banqueiro
Jograis
Loucos

PRIMEIRO ATO

PRÓLOGO

[Vão entrando em cena os três Jograis e anunciado a peça a grandes gritos, conforme as falas abaixo, enquanto os atores indicados passam pelo palco, fazem uma mesura e se retiram:]

- 1° Jogral Atenção, senhores! Venham ver a sensacional mudança que não transforma nada! *[passa o professor Asclépio]*
- 2° Jogral Presenciem a luta pela construção do mais inútil dos aparelhos! *[passa Marta]*
- 3° Jogral Venham viver conosco o drama do marido traído que admira seu rival! *[passa o Mecânico Yuri]*
- 1° Jogral Vejam o louco que traz a lucidez à aldeia perdida! *[passa Rômulo]*
- 2° Jogral Extraordinário e lindo romance de amor de uma jovem que abandona o lar! *[passa Anita-Iza]*
- 1° Jogral Vai começar "A Grande Máquina"!
- 3° Jogral A que horas vai começar?
- 2° Jogral Agora mesmo.
- 3° Jogral Mas é preciso dizer exatamente a que hora, minuto e segundo!

- 1° Jogral Para que isso?
- 3° Jogral Para que o público saiba quando viu a peça. Se não souberem, ficarão confusos quando alguém lhes perguntar: "Quando foi que você viu 'A Grande Máquina'?"
- 2° Jogral Não basta o dia? *[grita:]* Hoje é sábado, dia 20 de outubro de 1977!
- 3° Jogral Não. É necessário ser preciso.
- 1° Jogral São 21 horas, 14 minutos e 12 segundos.
- 3° Jogral Mas a peça não está começando.
- 2° Jogral Quando eu bater palmas, a peça começará! E serão 21 horas, 16 minutos e 30 segundos do dia 20 de outubro de 1977 nesta cidade de Curitiba!
- [Bate palmas; ficam em silêncio, esperando. Entram Nelson e Ana, e empurram ou carregam os Jograis para fora de cena. Em seguida, voltam e a peça se inicia.]*

PRIMEIRO ATO – CENA 1

[No início, há 4 caixotes em cena, de diferentes tamanhos. Um deles parece impossível de ser carregado por um homem sozinho. Em cena estão Ana e Nelson. Ana está auscultando e examinando um caixote médio. Nelson está assentado sobre o maior.]

- Ana Não escapa um sussurro, um grito, uma canção. Não parece haver riso ou dor aí dentro.
- Nelson São apenas peças. Nada completo.
- Ana Certamente os mataram antes de encaixotar. A vida não entraria nessas caixas. Está tudo aí?
- Nelson Sim. Os superiores nos ordenaram que transportemos esses fardos. E neste envelope estão as instruções que levaremos.
- Ana É uma longa caminhada até lá. E o que estaremos levando para o meio daquele povo? A luz, ou a morte?
- Nelson Como encontraremos o caminho? Não há estrada que conduza à aldeia. Nem animal que pudesse percorrer toda a trilha até aquele mundo. Pelo menos, nenhuma besta que eu conheça.
- Ana Precisaria ser capaz de atravessar a nado o lago escuro... de arrastar-se e rasgar suas costas em túneis estreitos... escalar montanhas de pedras brilhantes e que queimam como o sal... Nenhuma criatura poderia levar nas costas esses pacotes até lá.
- Nelson Exceto nós. Foi por isso que nos deram essa ordem. Nenhum outro animal poderia cumprir essa missão.

- Ana E nós? Podemos? Veja: são quatro monstros.
- [A partir deste instante, passam a examinar o peso dos caixotes e a tentar carregá-los, enquanto prossegue o diálogo.]*
- Ana *[continuando]* Como enfrentá-los? Precisamos de ajuda. E se os pássaros e os peixes não podem nos auxiliar, devemos apelar para outros homens.
- Nelson Repartir o trabalho, e sermos desonrados perante todos? Nada disso. Vê: eu consigo carregar um destes grandes.
- Ana Mas cada um teria que levar dois. É impossível.
- Nelson Poderíamos equilibrar um deles na cabeça, e carregar outro nos braços.
- Ana Mesmo se eu conseguisse erguê-los, como suportar a caminhada de vários dias? Como atravessar os túneis e esgueirar-me sob árvores baixas? Como escalar os montes sem usar as mãos?
- Nelson Não sei. *[pausa]* Levemos somente uma parte, agora, e depois o restante.
- Ana Ir duas vezes até lá? Seria loucura! Se escaparmos com vida da primeira vez, devemos passar o resto de nossas existências agradecendo aos deuses!
- Nelson Mas poderíamos levar uma parte, e depois... *[pausa]*
- Ana E depois?
- Nelson E esquecer o resto. Levar só uma parte.
- Ana Nelsinho, não sê doido!
- Nelson Que mais podemos fazer? Não somos super-homens!
- Ana E se descobrirem? Os superiores nos açoitarão e enterrarão em uma prisão sem luz.
- Nelson Como poderiam saber? Eu e tu não lhes diremos. E nenhuma notícia virá da aldeia para fora. Não há comunicação entre eles e o resto do mundo.
- Ana Mas eles saberão que só levamos uma parte. Irão conferir o conteúdo dos caixotes, de acordo com as instruções do envelope. Lá deve estar descrita a máquina toda.
- Nelson Podemos queimar o envelope. Ou modificar o seu conteúdo. Os aldeões não compreenderão. E não poderão descobrir a falha.
- Ana Sinto forte atração e ao mesmo tempo pavor, por esta sua idéia!
- Nelson Não há motivo para temor. Eles jamais desconfiarão. Nada sabem sobre o que lhes levamos.
- Ana Mas acabaremos nos traindo, sem querer – talvez falando ao dormir. E será quase impossível fazer uma boa falsificação das instruções.

Nelson Será divertido vê-los às voltas com uma máquina incompleta, tentando montá-la. Vamos abrir o envelope, vamos ver as instruções!

Ana *[auscultando um caixote]* Nenhum ruído, sequer um murmúrio. Creio que não se vingará de nós. Abre o envelope, vamos ver as instruções!

[Tudo escurece para mudança de cena.]

PRIMEIRO ATO – CENA 2

[Quando a luz se acende novamente, um dos caixotes menores desapareceu. Ana está sob o segundo maior caixote, Nelson está espremido entre os outros dois; suas roupas e aparência estão como antes: um pouco desarrumados, mas as roupas não estão rasgadas, nem eles feridos. Estão em cena o Mestre e o Mecânico. O Mecânico retira de dentro da roupa de Nelson o envelope.]

Mestre Abre o envelope, vamos ler as instruções!

Mecânico Obedecerei, Mestre! Sempre se deve cumprir ordens dos que estão acima de nós. Mas o que faço com esses dois?

Mestre Deixa-os, depois resolveremos.

[Nelson sai do lugar onde estava, com movimentos bruscos. Enquanto o diálogo prossegue, Nelson ajuda Ana a sair de baixo da caixa; depois, Ana passa a pensar sobre algo que a assusta e, às vezes, emociona; e Nelson fica observando o diálogo e tudo o que o cerca, pensando em algo agressivamente e zombando do que vê; Ana está voltada para dentro, Nelson para fora.]

Mecânico Não vêes que estão loucos?

Mestre E isto é novidade? Já chegou algum homem são a esta aldeia? Quem já enfrentou o pântano que nos cerca, sem enlouquecer?

Mecânico Vê os olhares deles: não gosto. Parecem-me loucos perigosos.

Mestre Não há perigo. Lê as instruções, amigo!

Mecânico Têm os olhos saltados e suas costas e braços devem estar lacerados por carregar os fardos. Não entendo como chegaram. E se os interrogássemos?

Mestre Só responderiam coisas sem sentido. Quer ver? Venham cá! *[Ana e Nelson se aproximam.]* De onde vieram vocês? Como chegaram até aqui?

Nelson Eu vim de lá. *[aponta para o lugar onde estava.]* Cheguei aqui caminhando.

Ana Vim de um mundo onde há sombras e luz, porém muito mais trevas do que brilho. Não sei como cheguei aqui. Algo me transportou, enquanto sonhava.

Mecânico Parecem nervosos. Temo suas reações agressivas.

- Mestre Nada tema. Não vês como vieram docilmente? *[para os dois:]* Não quero desordens aqui, ouviram? Tratem de portar-se bem. Agora, podem ir-se.
- [Ana e Nelson voltam aos lugares e pensamentos anteriores]*
- Mestre Vês? São crianças perfeitas.
- Mecânico Se forem crianças reais, serão capazes de maldades. Mas como dizes que são crianças perfeitas, terei que aceitar que são bons.
- Mestre Mostra-me logo o que o envelope contém!
- Mecânico *[abrindo]* Há muitos papéis... Ah, uma carta! Vê, é dos superiores! *[estende ao Mestre]*
- Mestre Estou sem óculos e sem óculos não consigo ler, portanto não posso agora ler a carta. Diz-me qual é a mensagem.
- Mecânico *[lendo]* É estranho... enviam-nos um aparelho, desmontado, e instruções para construí-lo... não está tudo nas caixas, há coisas que eles sabem que já possuímos, ou que poderemos improvisar... deve ser este o significado da expressão: "Não enviamos aquilo que já está em vocês".
- Mestre Mas o que é o presente? É a Grande Máquina que nos fora prometida?
- Mecânico É isso o que quero encontrar... Eles dizem: "Por muitas eras vossa aldeia esteve isolada do universo, e com isto deixou de participar das energias e da grande evolução cósmica. A comunicação entre nós continua difícil e nada se tem conseguido que destrua essa estagnação. Mas este aparelho quebrará as vossas barreiras, e vosso povo será colocado em união com o novo mundo".
- Mestre Não entendo. É a Grande Máquina, ou não?
- Mecânico Não sei... eles não dizem o nome. Talvez nas outras folhas esteja mais claro... *[procura]*

PRIMEIRO ATO – CENA 3

[Entram o Professor Asclépio e sua filha, Anita; o Professor deve ter uns 40 anos de idade, e a filha uns 20.]

- Professor Bons dias, Mestre! Bons dias, senhor Mecânico! Ouvi dizerem de dois carregadores que atingiram nossa terra, e que trouxeram três volumes até cá.
- Mestre Ah, Professor! Foi isso mesmo... *[cumprimenta Anita]* Desculpe-me, senhorita, meu entusiasmo; como está? Vê, Professor, cá estão.
- [O Mecânico, que é noivo de Anita, aproxima-se dela e lhe dá um beijo formal; depois, afasta-se e fica pensando na máquina, olhando os papéis. Anita pensa em sua vida futura, de casada. Impacienta-se com a distração do Mecânico.]*

- Mestre [continuando] E creio que aí dentro está a Grande Máquina que nos foi prometida!
- Professor Mestre, estás a zombar de mim?
- Mestre É a pura verdade, Professor – pois a verdade é sempre pura. A carta que veio com os carregadores explica o que é o aparelho.
- Anita [referindo-se aos loucos] Eles não estão com fome?
- Professor Bem lembrado, querida. É preciso não nos esquecermos de nossos deveres humanos para com esses que, sem o saberem, talvez nos tenham trazido a suprema felicidade. Traz-lhes algo de comer, depressa, lá de casa. [Anita sai]
- Mestre Que jovem de bons sentimentos! Feliz é nosso amigo mecânico, que tem uma noiva tão cuidadosa! Jamais passará fome, mesmo que enlouqueça. Eu, confesso, quase me esquecia de alimentar esses pobres. Não por maldade, mas por distração, e também porque aqui na sede não é o que servir, e também porque não achei que tivessem necessidade pois, como vês, ficaram loucos, e também porque não é hora de refeição.
- Professor Sim, era de se esperar que ficassem doidos. Senhor Mecânico, por favor, dá-me esta carta, e ajuda a noiva a dar-lhes de comer, quando ela voltar, para que não haja situações desagradáveis. Mas diz-me, Mestre: se é verdadeira essa notícia, o que faremos agora?
- [O Mecânico lhe entrega o envelope; o Professor examina o seu conteúdo]
- Mestre A carta diz que o aparelho romperá as barreiras. Não é isto o que estamos esperando?
- Professor Mas quais barreiras? Quando a promessa nos foi feita, eles não foram muito claros. Sabes que discordo de tua opinião, quanto ao que eles queriam enviar-nos.
- Mestre Para mim, não há dúvidas. É a libertação que chega.
- Professor Concordo com tuas palavras. Mas duvido que nossas idéias sejam iguais. De qualquer forma, cumpre-nos montar o aparelho, e verificar sua real utilidade. São só estas as instruções?
- [O Professor fica conversando, em voz baixa, com o Mestre; Anita voltou e, com o Mecânico, está alimentando Ana e Nelson]
- Anita O que estes trouxeram do outro mundo?
- Mecânico Três caixas, onde estão guardadas as peças para montar um aparelho que poderá revolucionar a aldeia.
- Anita Que tipo de máquina pode ser assim tão importante?
- Mecânico Não sei ao certo. É preciso estudar tudo direito, antes de dar uma opinião válida. Mas parece-me que será algo capaz de economizar trabalho e permitirá que tenhamos maior produção, maior rendimento, maior progresso! A carta fala nas

energias que serão colocadas ao nosso alcance, graças ao aparelho.

Anita Talvez isso seja bom. Mas há outras coisas mais importantes para nós, não é?

Mecânico O que poderia ser mais importante?

Anita Bobagem... não liga. Às vezes sou muito egoísta, meus interesses são muito limitados.

[Continuam a cuidar de Nelson e Ana; quando terminam, aproximam-se do Professor e do Mestre, que conversam:]

Professor Há muitas partes que são compreensíveis... outras usam símbolos estranhos, e há conexões que não parecem corretas, pelo que conheço...

Mestre Pelo que TU conheces... E queres criticar o grande projeto que eles nos enviaram? Eles estão muito à nossa frente!

Professor É claro. Isso não se discute. Confio plenamente na ciência que eles desenvolveram. Não pensei corretamente, quando disse que as conexões estavam erradas.

Mestre Eles confiam em nós, e não podemos deixar de ser bem sucedidos. É preciso pensar no futuro, e trabalhar duramente, até obter o resultado planejado.

Mecânico Sim, é o que faremos! Nossa aldeia demonstrará o seu valor! Construiremos essa bela máquina, muito superior a todas as outras!

Anita Será mesmo bela, esta máquina?

Professor Por favor, Anita, agora que já cuidou dos dois infelizes, vá para casa, ajudar Marta a preparar a refeição. Depois, eu irei. *[Anita sai]* O horário de almoço é sagrado. A repetição e o ritmo invariável estão por trás de tudo o que é bom.

Mestre Não suporto mulheres por perto quando é hora de trabalhar e pensar. São muito boas em outros momentos, mas, cá entre nós, jamais perdem sua superficialidade!

Mecânico Mas não importa. Cada um tem seu lugar. Nós somos feitos para um único papel, não para todos. Vamos nós à nossa função.

Mestre Sim. Vamos planejar tudo, e dividir os papéis. Cada um estudará uma parte, e depois nos uniremos e construiremos o conjunto.

Mecânico Estou separando para mim aquilo que entendo: *[separa algumas folhas de instruções]* as engrenagens, as polias, os encaixes... o resto não me interessa.

Professor *[tomando para si outras partes]* Eu me ocupo da parte elétrica.

Mestre Deixem para mim a estrutura e o revestimento.

Mecânico E aquilo que sobrar, que nenhum de nós pegar?

Professor Sobrar? Não diga asnices, caro futuro genro. Na máquina, tudo o que não for revestimento e estrutura deve ser uma parte interna. E as partes internas serão ou mecânicas, isto é, possuindo movimentos macroscópicos, ou serão elétricas, onde o

importante são os movimentos invisíveis dos elétrons. Não pode haver uma outra alternativa.

Mecânico É verdade. Tão claro, não é? Ainda bem que está aqui para nos orientar.

[Saem todos.]

PRIMEIRO ATO – CENA 4

[Mudança de cena: outro dia, na casa do professor. Estão em cena Marta (esposa do Professor Asclépio) e Anita. Pensam na chegada do Professor e do Mecânico. Conversam:]

Marta Creio que já está tudo pronto para o casamento, não é?

Anita Quase tudo. Até a casa está alugada, e mobiliada. O que mais poderia faltar?

Marta Mas você não parece muito contente.

Anita De fato, não compreendo o que desejo. Gosto muito dele, e será ótimo poder cuidar de sua comida, de suas roupas, e receber os seus cuidados. Mas ele é tão distante... Veja, esta máquina é muito mais importante do que eu!

Marta É verdade. Mas não sonhe coisas impossíveis. Os homens são assim, temos que aceitar tudo como é.

Anita Nem sei se ele realmente me quer, ou se apenas deseja cumprir uma obrigação. Ele e papai estão sempre adiando tudo, e nem querem conversar sobre o casamento...

[Entram o Professor e o Mecânico]

Professor Olá, querida. Deus te abençoe, menina.

Mecânico Boa noite, dona Marta. Olá, Anita.

Marta Chegaram tarde. Trabalhando até agora? Como está o planejamento da Grande Máquina?

Professor Ora, tudo chegará ao seu desenlace. Há certas dificuldades para compreender e completar as estruturas, mas tudo caminha. Devagar se vai ao longe. Mas agora, desculpem-nos, precisamos ir até o gabinete verificar umas idéias.

[O Professor sai. O Mecânico se atrasa um pouco.]

Marta Eu gostaria de entender um pouco disso, para poder ajudar... Vejo que é tão importante, esse trabalho!

Mecânico Esta obra é muito complexa. Mesmo o método de trabalho exige grande clareza mental. Antes, pensávamos que três pessoas eram suficientes para estudá-la: uma trataria da parte mecânica, outra da parte elétrica, e uma terceira da estrutura e envoltório. Depois, vimos que havíamos nos esquecido que poderiam existir detalhes térmicos e hidráulicos. Então, aumentamos para 5 o número de

especialistas. Pouco depois, vimos que era lógica a necessidade de outras dez pessoas – especialistas dos vários tipos de conexões existentes: elétrico-mecânica, hidráulico-térmica, e assim por diante. Tudo isso foi progressivamente compreendido, graças ao nosso Professor!

[O Professor volta, apressado, para buscar o Mecânico]

- Professor Ora, senhor Mecânico! Vais aborrecer as mulheres com todos esses detalhes!
- Anita Mas é assim tão complicada, essa máquina? Não pode uma pessoa, sozinha, compreendê-la e montá-la? Sempre acreditei que as coisas realmente importantes são simples, tão simples que é até difícil explicá-las.
- Professor Nada é simples. Tudo exige análise, ponderação, cálculos. O aparelho é construído por partes. Se compreendermos as partes e suas conexões, o todo será igualmente entendido. Não é lógico? Por isso, precisamos de cinco pessoas para estudar os cinco tipos de elementos, e outras dez para pesquisar as conexões.
- Marta Ora, querido, não fica nervoso! Tu entendes como são os jovens, que acreditam na magia. Mas deveríamos deixar de lado por uns instantes esse assunto e tratar de algo urgente. Sabes que é preciso ir conversar com o padre e o juiz, e marcar uma data propícia para o casamento.
- Professor Sim, isto é muito relevante. Mas como se pode pensar em problemas pessoais, quando o futuro da aldeia está em jogo?
- Mecânico Realmente, estou ansioso à espera de nosso enlace. Mas é tempo de nos dedicarmos de corpo e alma à pesquisa do aparelho; o casamento produziria uma divisão de minha atenção, e portanto não é recomendável, agora.
- Professor Sim, o casamento é importante, mas deve esperar até o fim da grande obra.
- Anita Espero que essa máquina seja realmente importante. Afinal, já descobriram para que servirá?
- Professor *[encabulado]* Bem... estamos estudando suas partes. Não é possível ter-se uma idéia global desde o princípio. Cá para mim, estou convencido de que ela será capaz de alterar a estrutura mental de quem a utilizar.
- Anita Mas essa mudança será boa? Qual será essa alteração?
- Professor Ainda não tenho certeza. Talvez só consigamos saber fazendo uma experiência.
- Mecânico Por mim, acredito que a máquina substituirá uma parte do esforço humano. A pessoa que a utilizar não precisará mais de uma grande força para transportar-se e efetuar suas tarefas. Ela substituirá uma parte do homem.
- Anita Alguns homens talvez pudessem ser totalmente substituídos por ela.
- Professor Agora, se nos dão licença, iremos a meu gabinete.
- Marta Claro. Não queremos atrapalhá-los.

[Saem o Professor e o Mecânico]

- Anita Sinto pena e raiva deles. Pena pelo esforço que toda a aldeia está aplicando a essa geringonça. Raiva pela estupidez dos homens, que pensam que o mundo deve parar quando se voltam para suas idéias. E se parássemos nós, as mulheres? E se eles ficassem sem ter o que comer e vestir?
- Marta Eu creio que os compreendo. É válido todo este esforço, dos que tentam ajudá-los, fabricando ou emprestando tudo o que pedem: uma ferramenta, uma engrenagem. Estão lutando pelo que acham valioso. E isto é belo. Não vês, eles quase nem dormem à noite...
- Anita Mas sinto que há algo errado. Sinto que estão totalmente errados.
- Marta Eles erram, mas se corrigem. É verdade que falta um elemento essencial. A carta dizia claramente – até decorei este trecho, de tanto ouvi-los discuti-lo – "Nada se obterá sem o uso do caos".
- Anita Sim, e ainda não descobriram que peça ou conexão se chama "caos". Nem sabem se é algo que veio nos caixotes, ou se é algo que deve ser obtido aqui.
- Marta Pois é. Talvez a palavra esteja errada. Os nosso dicionários só trazem um significado para a palavra "caos": confusão, desordem. Talvez só falte esse tal de caos...
- Anita Eles já montaram as peças várias vezes, dos modos que imaginaram, e nada se obteve.
- Marta Sim, mas seu pai já classificou as posições e combinações possíveis de todas as peças. E agora, seguindo uma cadeia sistemática de alternativas, vão experimentar, passo a passo, cada uma das possibilidades. Está matematicamente provado que acabarão por ser bem sucedidos.

PRIMEIRO ATO – CENA 5

[Entram Ana e Nelson. Um deles carrega algo semelhante a uma corrente de bicicleta.]

Ana Dão licença? ... O Professor nos mandou sair do gabinete.

Marta Sim, claro.

[Ana e Nelson brincam com a corrente]

Anita Acho que nós precisaríamos ajudar na construção da Grande Máquina. Eu, principalmente, pois vejo que sem isso não haverá casamento. Se é que tenho realmente interesse em me casar com ele...

Marta E ajudar como, querida? Não entendemos dessas coisas!

[Entra o Mecânico, seguido logo depois pelo Professor]

- Mecânico Onde estão esses dois? Ah, estão brincando com a corrente! Meu Deus, imaginem se sumissem com isto!
- [Tenta tomar; Nelson e Ana correm, não entregam]*
- Ana Deixa brincar! Tu tens muitas outras, e eu nada tenho!
- Nelson Dá-me aqui, eu escondo!
- Professor Seus moleques! Entreguem-me já isso, ou eu os levo para o hospício, para junto dos outros!
- Mecânico Preciso disso. Dou-lhes outra coisa para brincarem.
- Ana Precisa? Para que? Vocês não sabem onde encaixar essas coisas!
- Nelson Eu sei, eu sei onde ele vai enfiar isso!
- Professor Deixai já de brincadeiras!
- Mecânico Pronto, peguei!
- [Toma a corrente; Ana o olha com tristeza, Nelson com raiva; Ana tira do bolso uma engrenagem e a acaricia]*
- Ana Diz, o que vais fazer com isto?
- Nelson Tu sabes onde isto se encaixa?
- Ana *[mostrando]* Vê: aqui há um buraco. Em que eixo ele se encaixa?
- Nelson Este buraco é quadrado. Eles são tão imbecis que vão procurar um eixo quadrado para encaixar aí.
- Ana Não, ele não é tão tolo assim. Sabe que é preciso enfiar aí um cilindro.
- Nelson Ou um cone.
- Ana Ou enfiar esferas negras como jabuticabas, que cairão uma a uma, transformadas em cerejas.
- Nelson Não! Uma cenoura! Uma banana!
- Ana Enquanto você não colocar seu nariz e sua língua na máquina, ela não funcionará.
- Nelson Vocês dividiram as peças por suas funções, e não pelas cores. Está tudo errado. Não vêem que a sequência de montagem é preto - branco - cor-de-pavão - vermelho ?
- Ana É preciso unir o duro ao mole, o quente ao frio, o áspero ao liso...
- [Nelson salta sobre Ana e tenta tirar-lhe a roupa. Ela ri. Marta e Anita se retiram. O Mecânico consegue separar os dois.]*
- Mecânico O que faço com eles, senhor Professor?

Professor Devemos levá-los para o hospício. Mas antes seria conveniente bater-lhe. Não por maldade ou vingança, é claro – isso seria irracional – mas sim porque a psicologia demonstrou que o castigo evita erros futuros. Reforço negativo, você sabe.

PRIMEIRO ATO – CENA 6

[Entram o Mestre e o Banqueiro; o Mecânico os cumprimenta com a cabeça e sai levando Ana e Nelson.]

Mestre Boas noites. Íamos passando, resolvemos entrar.

Professor Boas noites. Estejam à vontade.

Banqueiro Desejava saber em que estágio se encontra o empreendimento da construção de nossa máquina, senhor Professor.

Professor Não muito avançado. A motivação é grande, mas as dificuldades imensas. É um projeto que exige o máximo de nossos conhecimentos científicos.

Banqueiro Mas o resultado compensará o esforço e os gastos? Toda a aldeia está desviando seu trabalho no sentido de cooperar com o projeto. Isso pode levar a sérios prejuízos econômicos e sociais, se durar muito tempo.

Professor Não se pode apressar a evolução natural das coisas. Sempre é necessário sofrer por aquilo que desejamos.

Mestre Mas dará certo vosso plano de atacar sistematicamente todas as combinações possíveis?

Professor Era isto o que estava discutindo com o senhor Mecânico, hoje. Provei definitivamente que o plano é irrealizável. Pois exigiria um tempo total de 325 milhões, 836 mil e 420 séculos, caso empregássemos duas horas e quinze minutos na montagem de cada uma das possibilidades, interrompendo o trabalho oito horas por noite, duas horas para as refeições, e um dia e meio por semana para o repouso.

Banqueiro Mas então o projeto é absurdo! Não podemos construir nossa máquina, a não ser por milagre!

Mestre Não há milagres, senhor Banqueiro. Só ocorre o que pode ocorrer.

Professor Mas tenho outra solução. Não precisamos ir fazendo tentativas cegas. Podemos planejar racionalmente a máquina.

Mestre Podemos? Como? Este plano já não era racional?

Professor Partiremos de uma análise dos objetivos, e desenvolveremos um estudo teórico que mostrará o modo de atingir-se esse objetivo. Pronta a teoria, podemos passar à prática.

Banqueiro Mas quem, de nossa aldeia, é capaz de planejar um invento como este?

- Mestre Ninguém. Se alguém fosse capaz, seria também capaz de montar as peças.
- Professor Ninguém. Cada um de nós é incapaz de fazê-lo. Mas uma equipe bem coordenada, auxiliada por calculadoras automáticas, poderá ser bem sucedida.
- Banqueiro É verdade, professor! Organizaremos uma grande empresa, que desenvolverá o projeto, e contará com apoio da administração local, e financiamento de nossos bancos.
- Mestre A reunião de centenas de especialistas permitirá a obtenção da grande síntese.
- Professor Um cronograma de trabalho fixará as etapas a serem atingidas. Começaremos com as pesquisas básicas e com a preparação de técnicos, de mão de obra especializada.
- Banqueiro E os técnicos assim treinados serão, posteriormente, úteis em outros setores da aldeia!
- Mestre Mas há uma pequena questão, senhor professor... Nós ainda não chegamos a um acordo sobre a utilidade do grande aparelho!
- Professor Mas isso pode ser resolvido de modo lógico e científico por uma equipe de especialistas em decisões.
- Banqueiro Mas tudo isso demorará muito tempo, e gastará muito dinheiro...
- Mestre Mas nossos netos e outros descendentes poderão usufruir dos resultados. Quantos anos e escravos não foram sacrificados na edificação das grandes pirâmides? Mas valeu à pena, não é? E aí está o resultado, até hoje, para que o contemplemos e admiremos!

[Desaparecem o Professor, o Mestre, o Banqueiro. Aparecem os três Jograis, com uma grande faixa ou cartazes onde se lê: "Segundo ato: O grande projeto científico-tecnológico para a construção da Grande Máquina". A peça continua, sem interrupção.]

A Grande Máquina

Peça teatral em quatro atos

Texto de Roberto de Andrade Martins

SEGUNDO ATO – CENA 1

[Os três Jograis]

- Jogral 1 Instituiu-se o centro de pesquisas para a construção da Grande Máquina.
- Jogral 2 A fim de determinar a finalidade do aparelho, foi nomeada uma equipe de especialistas em decisões.
- Jogral 3 O primeiro passo era decidir o objetivo da Grande Máquina.
- Jogral 2 Mas antes disso era necessário definir o método a ser empregado nas discussões.
- Jogral 1 A equipe de especialistas em decisões instituiu um grupo de estudos de teoria das decisões.
- Jogral 2 Para integrar o grupo foram convidados os filósofos, sábios e políticos da aldeia.
- Jogral 3 O primeiro passo, agora, era decidir qual o critério para se escolher um objetivo.
- Jogral 2 Mas antes disso era preciso decidir quais os valores em que se basearia a escolha do objetivo.
- Jogral 1 O professor interveio, e demonstrou que não se podia exigir uma fundamentação de tudo.
- Jogral 3 Era preciso partir de um acordo preliminar tácito e convencional sobre os valores adotados.
- Jogral 2 A comissão, a fim de verificar os valores a serem adotados, fez um plebiscito.
- Jogral 1 A pesquisa de opinião permitiria estabelecer uma base sobre a qual todos concordassem.
- Jogral 2 Não houve pontos em que todos concordassem.
- Jogral 1 Formaram-se partidos na aldeia, cada um defendendo sua opinião sobre a utilidade da Grande Máquina.
- Jogral 3 Houve debates públicos e comícios.
- Jogral 2 Houve brigas e violência
- Jogral 3 A ordem foi perturbada, e a polícia proibiu discussões públicas.

- Jogral 1 Criou-se uma Academia em que se permitia a apresentação de teses a respeito da teoria de valores.
- Jogral 3 Lá se discutia, racionalmente e sem brigas, a utilidade da Grande Máquina.
- Jogral 2 O professor propôs que, paralelamente, fossem realizadas as pesquisas científicas necessárias, e se tratasse da formação de técnicos e especialistas.
- Jogral 1 Para isto, foi criada uma Universidade.
- Jogral 3 Nela se pesquisava sobre tudo.
- Jogral 1 Pois enquanto não se chegasse a um acordo sobre o objetivo, toda pesquisa era considerada importante e valiosa.
- Jogral 3 Lá se ensinava de tudo.
- Jogral 2 Pois todo conhecimento podia ser importante na construção da Grande Máquina.
- Jogral 1 Pesquisava-se a influência do teor protéico da mandioca na cor dos ovos das galinhas d'Angola.
- Jogral 2 Pesquisava-se a variação anual do número de lagartixas no museu da aldeia.
- Jogral 3 Pesquisava-se as conseqüências teóricas da possível existência de anjos que não soubessem matemática.
- Jogral 1 Ensinava-se a história do descobrimento da aldeia.
- Jogral 3 Ensinava-se regras de pontuação e acentuação de uma língua pré-histórica chamada "capui".
- Jogral 2 Ensinava-se o modo de calcular o número de disposições possíveis de todos os aldeões em torno de uma mesa triangular.
- Jogral 1 Aos poucos tudo se normalizou, e foi estabelecido um ritmo constante de trabalho.
- Jogral 2 Os debates da Academia eram nos sábados à noite.
- Jogral 3 As aulas durante as manhãs dos dias úteis.
- Jogral 2 As pesquisas , nas tardes desses dias.
- Jogral 3 Ninguém tinha pressa, pois se confiava na inevitabilidade da vitória.
- Jogral 1 Todos confiavam nos membros da Universidade e da Academia, mas sabiam que a máquina demoraria a ser construída.
- Jogral 3 Passaram-se três anos e foi diplomada a primeira turma de professores.
- Jogral 1 Passaram-se quatro anos, e formou-se a primeira turma de filósofos.
- Jogral 2 Passaram-se cinco e seis anos, e formaram-se os primeiros engenheiros e médicos.

- Jogral 1 Passaram-se oito anos, e formaram-se os primeiros grupos de contestadores na aldeia.
- Jogral 3 Criticavam a Academia e a Universidade, e diziam que nada seria obtido.
- Jogral 2 Passaram-se nove anos, e o professor convocou uma assembléia geral da comunidade.
- Jogral 1 E discursou assim:
- [Jogral 3 lê o discurso, imitando de forma caricatural os modos do professor:]
- Jogral 3 Excelentíssimas autoridades aqui presentes; colegas da sagrada Academia e da venerada Universidade; senhoras; senhores. Há muitos anos atrás, uma esperança de renovação agitou esta aldeia. A chegada de três caixas com peças e engrenagens, hoje enferrujadas e lançadas ao museu, trazidas do outro mundo por dois loucos, deu-nos a esperança de montar a Grande Máquina que quebraria as nossas barreiras e nos colocaria em contato com o novo mundo. Até hoje, não atingimos esse objetivo. Em parte, porque o caminho é longo. Não podemos eliminar esse problema, que advém da própria natureza das coisas; mas poderíamos contar um segundo: as lutas e dissidências que consomem grande parte de nossas energias. Se há posições divergentes, proponho que cada partido congregue seus adeptos e se lance à construção da máquina que almeja. Todos os grupos poderão utilizar os conhecimentos da Universidade. Ao invés de nos atrapalharmos mutuamente, trabalhemos cada qual por seu ideal. Quanto a mim, todos já sabem: meu objetivo é construir um aparelho capaz de modificar a mente humana e tornar-nos tão inteligentes quanto os computadores eletrônicos, a fim de assim atingirmos a felicidade. Convido todos os que aceitam esse ideal a unir-se a mim e trabalhar nesse projeto grandioso. E sugiro que todos os de opiniões diversas se congreguem em grupos semelhantes, e trabalhem por suas idéias.
- Jogral 2 Metade da população achou correta a proposta do Professor.
- Jogral 1 A outra metade a achou absurda.
- Jogral 2 Pois temiam que alguns dos grupos pudessem utilizar os conhecimentos da Universidade para projetos maléficos.
- Jogral 1 O próprio objetivo do Professor não era aceito pela maior parte das pessoas.
- Jogral 3 Mas o Professor formou um grupo de trabalho secreto.
- Jogral 2 Quarenta e duas pessoas uniram-se ao professor para construírem a máquina de modificar a mente humana.
- Jogral 1 O trabalho foi planejado e distribuído.
- Jogral 3 Alguns cumpriam suas incumbências; outros, não.
- Jogral 1 Alguns desistiram. Outros ficaram.
- Jogral 2 Várias vezes o plano de trabalho foi modificado, para tornar-se adequado aos

membros do grupo e às novas descobertas.

- Jogral 3 Pareciam progredir aos poucos. Mas muitos desistiram.
- Jogral 1 Seis anos após o início do grupo secreto, havia 12 pessoas com o professor.
- Jogral 2 Reuniam-se nos horários planejados e faziam o que estava previsto.
- Jogral 1 Tudo era feito com seriedade.
- Jogral 3 Após mais três anos, havia 5 pessoas com o Professor.
- Jogral 2 Eram Marta, o Mecânico, e outros três aldeões.
- Jogral 1 Certo dia, esses três foram conversar com o professor, fora do horário de reunião.

SEGUNDO ATO – CENA 2

[Surge o Professor; os três Jograis se transformam nos três aldeões, que vão falar com ele.]

- Aldeão 1 Sabe, Professor... nós três vamos ter que nos separar do grupo. Nada temos contra o projeto, ou contra o senhor. Ainda acreditamos que o mais nobre de todos os objetivos é esse que animou o nosso trabalho durante esses nove anos.
- Aldeão 2 É isso mesmo, Professor. Às vezes desanimávamos, e queríamos desistir, ser apenas pessoas comuns, como os outros da aldeia, que por nada lutam. Mas ao conversar com o senhor, voltava nosso ânimo. Sentindo suas idéias, parecíamos participar de um outro mundo, de uma sociedade já renovada. Isso nos fazia prosseguir.
- Aldeão 1 Embora tenhamos resolvido deixar por enquanto o grupo, não consideramos perdido todo esse nosso trabalho. Alguém prosseguirá. Quem sabe, com outras pessoas, será possível recomeçar...
- Aldeão 2 Eu soube que o Eletricista estava pensando em entrar no grupo. E o Sorveteiro também, acho.
- Aldeão 1 O grupo não vai morrer. Mas cada um de nós tem seus problemas. Eu não tenho tido tempo para me dedicar à minha família, e vejo que a única coisa que posso abandonar, para que me sobre tempo, é a nossa obra. Se eu ainda fosse solteiro, seria fácil... Não posso deixar de trabalhar, preciso ganhar dinheiro. Se esta nossa obra fosse remunerada, e tivéssemos condições de nos dedicarmos só a isso...
- Aldeão 2 É claro que eu não devo me intrometer em sua vida particular, Professor. Mas acho que também o senhor deveria pensar mais em sua família. Não vê que Anita espera até hoje que se complete esse nosso estudo, para poder se casar com o Mecânico?
- Aldeão 3 Todos nós estivemos lutando para nos mantermos unidos. Mas é difícil. Ele *[aponta para o 2º]* tem sido muito criticado no trabalho, pelos colegas que não concordam com nosso plano.

- Aldeão 2 É claro que não foi isso que me desanimou. Mas essa doença, que tive há pouco tempo, me enfraqueceu muito. E atualmente não me sinto capaz de fazer coisa alguma, exceto cumprir as obrigações em casa e no emprego. Quem sabe, quando me recuperar, talvez possa entrar de novo no grupo...
- Aldeão 3 Sabe, Professor... a coisa mais importante para nós sempre foi esse projeto. Eu muitas vezes sacrifiquei outros interesses, o senhor sabe disso, pela nossa obra. Foi a primeira coisa em minha vida que realmente valorizei. Mas vejo que é tudo tão difícil, que me sinto sem forças... E agora, para me sentir feliz, preciso fazer algo que só dependa de mim, e que eu consiga realmente levar até o fim, sozinho. Algum objetivo próximo, palpável, e não tão obscuro como este nosso. Por isso, resolvi fazer o curso de Direito, na Universidade. Acho que é melhor. Pelo menos, vou conseguir chegar ao fim. Eu não havia contado nada a vocês, mas já fiz o vestibular, e fui aprovado. E preciso de todo o tempo livre, para estudar. Mas continuo interessado no projeto, e podem contar comigo, sempre que for necessário. Só não posso mais participar constantemente das reuniões, mas continuo com o projeto, em espírito.
- [Os Aldeões vão se afastando, lentamente, do Professor.]*
- Aldeão 1 De qualquer forma, ainda restam Marta e o Mecânico.
- Aldeão 2 Sim. Podem recomeçar o grupo. Atrair mais pessoas.
- Aldeão 3 Estamos com vocês. Podem contar conosco.

SEGUNDO ATO – CENA 3

[Os aldeões somem de cena. Durante o monólogo, fica iluminado apenas o Professor.]

- Professor Um é desviado por interesses mais palpáveis: pela família. Outro é derrubado pelo esforço e engolido pelo dragão do desânimo. O terceiro escapa para uma solução individualista: vai ser advogado. Se não são esses os motivos, serão outros, e pouco importa. Todos se vão. *[pausa]*
Esta não é a primeira vez que isso me acontece. Em outros tempos, foram outras pessoas, situações diferentes. Mas dá tudo no mesmo. O mundo é monótono. *[pausa]*
De uma vez, queríamos fazer um jardim – mas não uma pequeno recanto, e sim cobrir essa montanha inteira com sombras, com verdes, com flores. *[pausa]*
De outra vez, íamos conseguir distribuir em um só dia pirulitos de apito a todas as crianças da aldeia, e à noite fazer dançarem ciranda todos os adultos, a noite inteira, todos eles dançando, de tal forma que ninguém tivesse vergonha, nem pudesse no dia seguinte esquecer-se ou fingir que se esquecera de tudo. Nem houvesse mais jeito de voltar atrás e destruir o passado, pois lá estariam os palitos dos pirulitos, e as solas gastas dos sapatos, e as marcas da dança no chão. E então, todas as semanas, seria repetida a festa dos pirulitos. Outra vez iríamos construir uma jangada, com troncos de palmeira e latões vazios de óleo, e atravessar toda a

costa do continente, comendo o peixe que arrancássemos do mar e o arroz que plantaríamos no mastro, e que serviria também de vela. Contaríamos histórias de serpentes e de fadas, em todos os portos onde parássemos, houvesse ou não gente a escutar. *[pausa]*

De todas as vezes, fiquei sozinho. E para que eu construiria um lindo bosque na montanha, sozinho, se depois teria que inundá-lo de lágrimas, em minha solidão? Para que fazer bailarem as pessoas, se eu não estivesse com elas? Para que enfrentar o mar escuro e atravessar a grande água, se nela ou fora dela não encontrasse companheiros? Agora, mais uma vez, o sonho se cansou.

SEGUNDO ATO – CENA 4

[Aparecem, devagar, os Jograis. O Professor vai caindo lentamente ao chão.]

- Jogral 1 Morreu uma alma.
- Jogral 2 Terminou uma esperança.
- Jogral 3 O anseio antigo se quebra.
- Jogral 1 Não há mais planos.
- Jogral 2 Não restaram ideais.
- Jogral 3 Tudo deu no vazio.
- Jogral 1 Quem sabe, recomeçar de novo?
- Jogral 2 Cale-se! Chega de tentar!
- Jogral 3 Quem sabe, com outros companheiros...
- Jogral 2 Deixe! Liberte-se da ilusão!
- Jogral 1 Carregou nas costas os pecados do mundo.
- Jogral 3 viveu a vida do homem-herói.
- Jogral 1 Sofreu a sina dos abandonados.
- Jogral 2 Basta, desejos impossíveis!
- Jogral 3 Chega de lutar, de lutar, de lutar...
- Jograis Não vou mais lutar pela máquina!

SEGUNDO ATO – CENA 5

[Aparece Marta.]

- Professor Marta, minha amiga: o pescoço e os ombros me doem. As costas estão gastas e

dobradas, não consigo endireitar-me e erguer o rosto. Faça-me um favor: um pouco de massagem, aqui, até amolecer esse músculos tensos, até afrouxar a máscara de meu rosto, até que saia daqui este peso, até que eu possa dormir um sono sem sonhos.

[Enquanto o Professor fala, Marta se aproxima. Massageia-o um pouco, ele se deita; ela continua mais um pouco. Ele parece adormecer. Marta o examina, como se estivesse vendo se morreu. Afasta-se dele e se dirige ao público.]

Marta Asclépio dormiu.

Jogral 1 O Professor Asclépio adormeceu, abandonando a luta.

Marta Asclépio dormiu. Estava cansado.

Jogral 1 Também ele é fraco. Também ele se cansou.

Marta Asclépio nada pode fazer só.

Jogral 1 Todos têm sua desculpa. Também ele tem uma.

Marta Asclépio lutou mais do que qualquer outro.

Jogral 1 Por um sonho tolo, que agora abandonou.

Marta Não, por um sonho de grandeza, que não traiu.

Jogral 1 Que traiu agora, pois está dormindo sem sonhos.

Marta O sonho que era dele, pois empenhou nele dezoito de seus anos!

Jogral 1 Mas ele matou esse sonho, Marta, por fim ele o matou!

[Marta se volta, com ódio, para o Jogral 1. Pausa. Depois volta-se de novo para o público. Os Jograis também vão até o proscênio, e fitam o público.]

Marta Sim, é verdade. Asclépio é fraco. Asclépio abandonou a luta, e não voltará a ela. Ele foi vencido, sim. Mas digam-me vocês: quem lutou mais do que ele?

Jograis Quem é melhor do que Asclépio? Você? *[repetem várias vezes, ao público]*

Marta Talvez você nunca tenha abandonado um sonho, porque nunca teve um.

Jograis Você já tentou construir a Grande Máquina? *[repetem]*

Marta Você nem mesmo por um instante abraçou uma luta de grandeza. Dos que já quiseram construí-la, quem não abandonou a máquina? Quem não a traiu?

Jograis Você acaso vive seu sonho? *[repetem]*

Marta Quem não desistiu da máquina?

Jograis *[do palco, ou invadindo a platéia:]*
Você, também, deu mais valor à sua vidinha burguesa.

Você se sentiu só, e buscou o calor da massa medíocre.
Você desistiu, porque viu que era fraco, e que o sonho era maior do que você.
Você quis ser diferente dos outros. Desejou subir, pensou em romper as barreiras,
desejou atingir o novo mundo. Mas recuou, e está aqui.
Você recuou, fugiu, e tentou se esquecer de tudo, fingir que jamais tivera sonhos,
ou que eles nada valiam.
Você está afundado na mediocridade, mentindo a si mesmo, aceitando mentiras dos
outros, fingindo não ter se traído.

Marta Quem não desistiu da Grande Máquina?
 [*gritando:*] Traidores! Assassinos de suas almas! Vermes filhos da puta!

 [*Os Jograis e Marta se retiram rapidamente. Entram na platéia outros atores,
distribuindo pipocas, durante o intervalo.*]

Se esta peça for encenada de forma correta, não haverá aplausos do público.

A Grande Máquina

Peça teatral em quatro atos

Texto de Roberto de Andrade Martins

TERCEIRO ATO – CENA 1

[Aparecem os Jograis, com faixa ou cartazes: "Terceiro ato: o Caos, ou a destruição da Grande Máquina". Em cena, está Asclépio, deitado exatamente na mesma posição do final do segundo ato. Mas, quando se levantar, todos verão que agora é um jovem, de uns 20 anos. Dois dos Jograis, que estão em cena, olham inicialmente para Asclépio. Marta entra, em silêncio, verifica se Asclépio está vivo, e sai.]

Jogral 1 Asclépio dormiu nove meses.

Jogral 2 Asclépio acordou no décimo mês, sacudiu-se e olhou em volta.

[Asclépio se ergue, acordando]

Jogral 1 E riu um riso amargo, como o de uma hiena.

[Asclépio ri]

Jogral 1 Depois de acordar, Asclépio soube que Anita já se casara, com o Mecânico.

Jogral 2 E Asclépio riu, riu um riso amargo, como o de uma hiena.

Jogral 1 Na face de Asclépio estava agora gravada a caricatura do riso.

Jogral 2 O desprezo por si mesmo, por todos, pelo mundo.

TERCEIRO ATO – CENA 2

[Saem os Jograis; entra o Mestre, envelhecido.]

Mestre Bons dias, Professor!

Asclépio Oi, Mestre. Como está tudo por aí, hoje, na cidade?

Mestre Tudo bem. E ainda estará melhor quando tu voltares a lecionar e a trabalhar na construção da Grande Máquina, agora que estás recuperado.

Asclépio Eu esperava que você tocasse nesse ponto. Para mim, não há mais máquina.

Mestre O que? Meu Deus, o que aconteceu?

Asclépio Homem, chega de brincadeiras. Tudo isso foi uma grande farsa, e ela já não me interessa.

- Mestre Creio que é melhor conversarmos em outro dia, senhor.
- Asclépio Por que não agora? Sinto-me muito bem, esteja certo disso. Nunca estive tão lúcido quanto agora. Estava louco, como muitos ainda estão, mas já estou desperto.
- Mestre A máquina não te interessa mais? O que te motiva, agora? Qual foi a mudança de valores?
- Asclépio Valor? Nada, Mestre. Nada. Nada tem valor, nada me motiva. A partir de agora, viverei com meu rosto desnudo frente ao absurdo que forma este mundo. Criamos para nós mesmos deuses, mitos, ideais. Mas nada é válido, nada tem sentido.
- Mestre Senhor Asclépio, nós o ouvimos muitas vezes defender suas idéias. Posso descrevê-las de cor: O objetivo máximo do homem é a felicidade; e tu queres ajudar nossa cidade a atingir esse objetivo. A felicidade é obtida quando a vida não apresenta mais problemas. E para resolver os problemas infinitos e mutáveis que nos cercam, é necessária a inteligência. O aumento da inteligência trará a felicidade. Por isto, é válido e importante construir-se a máquina que vosso grupo idealizou. Cá para mim, continuo achando que nossos problemas poderiam ser resolvidos se pudéssemos entrar em contato com o outro mundo; mas respeito e admiro o vosso trabalho.
- Asclépio "Aumenta o conhecimento, e aumentarás a dor..." Nunca ouviu isso? Olhe, Mestre, felizes são os imbecis, não os inteligentes. Bem-aventurados os tolos, pois para eles isso aqui é o reino dos céus.
- Mestre A história da humanidade é a história da evolução do pensamento e da inteligência...
- Asclépio E da evolução das guerras, da exploração do homem, do aumento de sua capacidade de fazer o mal, de seu egoísmo.
- Mestre ... libertando-se de seus instintos, de suas necessidades animais, em direção a uma vida cada vez mais espiritual.
- Asclépio Libertando-se? Libertando-se de seus instintos? Não, Mestre. Os instintos e as necessidades estão aí, ainda. Talvez disfarçados, mas estão aí. O que nos move, a todos nós? Certamente não é a razão. Pois gastamos muitos dias nos convencendo de que algo é bom e válido, e depois não o fazemos. Fazemos o que nossos apetites nos mandam. Nossos interesses mesquinhos e egoístas, que nada são além de instintos disfarçados. Por que eu me interessava pela Grande Máquina? Altruísmo? Não. Vaidade, e instinto gregário. Queria companheiros, como os animais também buscam companhia. Só isso.
- Mestre Espero que o senhor esteja pelo menos disposto a continuar lecionando.
- Asclépio Claro que sim. Sabe por que? Porque me dá prazer mostrar que sei mais do que os alunos. Porque gosto de humilhá-los e fazê-los sofrer, estudando, e tremer, frente aos exames. Sim, continuarei a ser professor. Mas agora lecionarei a história da humanidade. A verdadeira história, a da evolução do erro e do absurdo. Farei com que vejam o que é o homem, na realidade – essa máquina absurda e sem sentido, mas dotada de consciência, e cuja conquista suprema é descobrir que é um absurdo. Farei com que eles desprezem a humanidade, tanto quanto os médicos nos odeiam, porque

nos conhecem, e a si mesmos, e a mim, que me odeiem porque os odeio e quero destruir-lhes o paraíso.

TERCEIRO ATO – CENA 3

[Enquanto Asclépio está falando, entra Anita; ouve o final da fala, e entende a posição de Asclépio.]

Anita Você poderá destruir tudo, Asclépio. Pode provar que não prestamos, que somos estúpidos, e que a máquina é impossível de ser montada. Mas havia uma certa beleza em sua idéia antiga, e isso não existe mais. Era bela a sua dedicação, o seu entusiasmo. Agora, o que sobrou em você? Mas você não pode destruir o passado e a beleza que conseguimos perceber.

Asclépio E daí? Faz alguma diferença a beleza? É consoladora, mas é mais importante não mentirmos a nós mesmos.

[Fitam-se rapidamente. Anita volta-se para o Mestre.]

Anita Mestre, há pessoas que o procuram. Chegou um homem do outro mundo.

Mestre Não diga! Há quanto tempo não recebíamos coisa alguma de fora!

Anita É um louco.

Mestre Era de se esperar. Ninguém atravessa o grande pântano sem enlouquecer. Mas o que ele trouxe?

Anita Nada.

Mestre Nada? Isso nunca aconteceu. Ninguém vem para cá, a menos que seja mandado. E quem é enviado traz necessariamente alguma mensagem.

Anita Ele nada trouxe.

Mestre Peça que o tragam até aqui, por favor. *[Anita sai. O Mestre fala a Asclépio:]* Estranho isso, não é?

Asclépio Alguém se perdeu, e veio até cá.

Mestre Sim, poderia ser. Mas não gosto disso. Jamais ocorreu, antes.

Asclépio Agora aconteceu. Incomoda-nos uma quebra de nossos hábitos mentais, não é? Mas o mundo não quer saber se nos incomoda. Ele está aí, ele faz o que quer.

Mestre Vê: chegou. Aproxima-te!

TERCEIRO ATO – CENA 4

[Entra Rômulo.]

- Mestre Parece não trazer coisa alguma. Diz-me, tu nada trouxeste para nós? Nenhuma mensagem do outro lado?
- Rômulo Trouxe tudo de que vocês precisam.
- Mestre Onde está, então?
- Rômulo Aqui. [*Não se move*]
- Mestre [*Aproximando-se e revistando Rômulo*] Não... nada, aqui. Já devem tê-lo revistado, antes. É um idiota.
- Asclépio Você está muito mais limpo do que qualquer outro que já chegou até aqui. De onde veio?
- Rômulo Da rua.
- Mestre Não, idiota. Antes disso, onde estavas?
- Rômulo Em outra rua.
- Mestre É inútil. Vamos colocá-lo junto com os outros.
- Asclépio Ainda há lugar para mais um, no hospício?
- Mestre Bem... O velho hospício desabou há três meses, com umas chuvas. Os insanos estão instalados, provisoriamente, em uma ala do museu.
- Asclépio No museu! Mas não vão destruir tudo?
- Mestre Não há perigo. Estão ocupando salas quase vazias. Lá só existem as antigas peças da Grande Máquina, que já foram suficientemente estudadas e reproduzidas, e podem ser estragadas à vontade.
- Asclépio Gostaria de rever a máquina.
- Mestre Não há muito o que ver. Tudo enferrujado e gasto.
- Asclépio Enferrujado, quebrado... não faz mal. Não é tudo assim mesmo? Sob uma aparência limpa, tudo podre. Sob uma casca lisa, víscera desarranjadas. Pelo menos poderei ver algo autêntico: uma coisa realmente suja e gasta, que ninguém tenta ocultar. Aí está a beleza: na coragem de exibir a feiura. Pois todos somos seres feios, horríveis. Digame, Mestre, já observou com cuidado um homem nu? Existe algo mais feio do que os órgãos sexuais? Duvido que haja coisa mais desagradável. Mas todos nós os temos, não é? Somos todos iguais, aqui! Melhor seria exibir essa feiura, do que escondê-la.
- Mestre Senhor Asclépio, vou-me embora. Seria bom que repousasse um pouco...
- Asclépio Chocou-se? Não faz mal. Vamos até o museu, levar este novo morador?
- Mestre Em outro dia. Outro dia. Agora, vou andando. Passar bem, senhor...

TERCEIRO ATO – CENA 5

[Saem o Mestre e Rômulo. Asclépio fica só, zombeteiro. Volta-se para a platéia.]

Asclépio Estou muito agressivo, não é? Estou aborrecendo todo o mundo. E daí? Eles também me aborrecem. Com sua mediocridade e cordeirismo. Conhecem a estória do lobo que se vestiu com a pele de cordeiro? Pois é: alguns se esqueceram que eram lobos, ao ver o próprio reflexo na água. E depois de algum tempo, quando entrou no rebanho um novo lobo com pele de cordeiro, descobriu que todos eram como ele. Todos gostam de ocultar de si próprios o que realmente são. Alguns nem mesmo sabem o que são.

Vocês aí também me aborrecem. Povo de minha aldeia! Vocês são uns estúpidos, é o que eu acho. É uma sorte que eu esteja aqui, no palco, e vocês na platéia. Posso dizer o que penso, e vocês ainda me pagam para insultá-los. Se estivéssemos cara a cara, na rua, você acha que eu poderia falar isto? Aqui posso. Estúpidos! Sei que nenhum de vocês vai subir para brigar comigo. Nem vai ficar indignado e sair. Porque isso tudo é uma peça, não é? Quem me agredir será preso, porque só estou dizendo o que está no texto aprovado pela censura. Por isso, posso chamá-los de imbecis. Para vocês, o que interessa é o papel, o documento da censura, não é? Não interessa se realmente quero agredi-los. Vocês podem se justificar assim: "Eles nos agrediram só de brincadeira". Não é não, estúpido! É pra valer!

O que são vocês? São cascas. São invólucros, aparências cuidadosamente construídas e mantidas. Máscaras. As roupas para esconder o corpo nojento. A pintura no rosto para esconder as rugas, os buracos e as manchas. A peruca. Os cílios postiços. O teatro, de vez em quando, para criar uma casca cultural e esconder o vazio humano. Por que estão aí sentados, ao invés de fazer algo útil? São passivos. O que interessa é sentar-se bem comportado, com ar inteligente, tomando cuidado para não bocejar, arrotar, nem peidar, não deixar o ar escapar por nenhuma extremidade, para que ninguém perceba que por dentro você está podre, está em fermentação, ou está cheio de refrigerante.

E o que eu acho de mm? Outra bosta. Sirvo-me desta casca de ator para agredi-los. Também tenho um intestino cheio de comida decomposta e de cocô. E urina. E estou suado e fedendo. Alguém quer me cheirar? Não? Vocês só querem me ver e ouvir, de longe, não é? É muito mais higiênico, mais civilizado. Quem quer me lambar ou tocar? Ninguém? Então, não há nada a fazer senão continuar com a peça. Senão fica feio, né? Se eu parar aqui a representação e for embora, o que vocês vão achar? Moderno? Avançado? Uma babaquice?

Olhem, eu acho que já pagamos o dinheiro de vocês. A gente podia parar, agora. Mas aí a estória não termina, não é? E a história terminou? A vida de vocês acabou? Sua vida tem mais sentido do que tudo isso que lhe mostramos? Se tivesse, você não estaria aqui, querendo se esquecer um pouco de sua vida. Vocês querem que a peça tenha um sentido, um fim, para preencher o nada de vocês, para completar a história incompleta de vocês próprios.

Está bem. Eu vou continuar. Porque acho que vocês são tão desprezíveis que merecem o que desejam.

Onde parou a peça? Ah, eu queria ir até o museu, e o Mestre não quis me levar. Esperei uns dias, e fui até lá. Aí vou eu. *[Anda pelo palco]* Já cheguei.

TERCEIRO ATO – CENA 6

[Aparecem Ana, Nelson, Rômulo e os outros loucos.]

Asclépio Olha aí os malucos.

[Os loucos não estão parados; estão realizando ações contínuas, semelhantes a rituais, que se adaptam às falas seguintes de Asclépio. No entanto, embora Asclépio descreva tudo o que eles fazem como negativo, deve haver algo de belo e estranho nos loucos. Em cena, estão as 4 caixas da Grande Máquina.]

Asclépio *[continuando]* Vocês acham que existe aqui alguma coisa interessante para ver? Tem nada, não. Os loucos são pessoas chatas e sem graça, como nós. Ficam repetindo ações monótonas, chatas e sem graça, durante um longo tempo. Como você, quando põe em prática seus hábitos de ler jornal, ou assistir televisão. É monótono. Sempre as mesmas emoções. Ou quando se masturba. Uma ação monótona. Os movimentos rítmicos são muito comuns, entre eles e entre nós. A música e a dança se originaram daí, da mesma fonte que o ato de mamar.

Os loucos gostam muito, também, de babar e colocar coisas na boca. Chupam o dedo, ou qualquer coisa redonda. Eles usam qualquer coisa, e é desagradável de se ver; não é como o cigarro, que todo mundo vê e não acha feio; nem parece um substituto dos peitos da mamãezinha que desmamou vocês muito cedo.

De vez em quando um louco faz algo interessante, diferente. As crianças também. É porque nem mesmo sabem repetir as nossas rotinas. São máquinas estragadas. Fazem coisas curiosas, como as que podem surgir quando se dá uma tela e tintas a um macaco, ou quando se bate ao acaso nas teclas de uma máquina de escrever. Dessas falhas, dessas irregularidades, nasce a evolução humana. A genialidade é só isso: o surgimento de coisas que não estão no ritmo natural, constante. Nós, os bem comportados, tomamos a loucura e a sistematizamos em uma nova monotonia. Assim evoluímos. Aqui vocês vêem a si próprios. Suas sombras, o resíduo infantil de todos nós, aquilo que desejamos ocultar de nós mesmos. Vejam: eu vou tomar esse negócio do maluco. *[Tira um objeto de Nelson; o louco tem reação bipolar de raiva e medo, de agressão e fuga.]* Viram? Chora e grita, tenta atacar e sente medo. É uma criança. São vocês mesmos. Vocês não sentem raiva do que fiz? Vocês se identificam com os loucos! Ou então, comigo, o que seria pior ainda. Eu sou um filho-da-puta. Se vocês não ficam com raiva de me ver sacanear esse pessoal, é porque vocês são tão filhos-da-puta quanto eu.

Eu prefiro os que se identificam com os doentes mentais. Possuem menos barreiras, menos proteções, uma casca mais fina. Estão mais perto de nossa verdadeira natureza. A mente deles é um caos, mas pelo menos não é monótona. Olhem, todos nós nos vestimos do mesmo modo, não é? Se eu fosse louco, poderia ter uma aparência diferente, como aquele ali. Eu poderia vestir a camisa como calça, a calça como camisa, e colocar a cueca na cabeça, como gorro. Que tal? É feio? É diferente, não é? Não está de acordo com as regras. Pois é assim que deve ser. Quero despertar vocês.

TERCEIRO ATO – CENA 7

[*Entra Anita, um pouco antes do final do monólogo de Asclépio, e fica observando.*]

Asclépio [notando sua presença:] Oi, Anita! Venha cá. Está me procurando?

Anita Não. Vim vê-los. [aponta] Aproveitei porque sabia que você estava aqui.

Asclépio Por que? Tem medo? São tão inofensivos que andam livremente pelas ruas. Não há o que temer. O que tememos é a nossa própria sombra, não a deles.

Anita Não, eu não tenho medo deles. Eu gosto dos loucos. Gosto de observá-los, e tentar sentir o mistério de suas ações. Sinto-me tão próxima a eles... Mas o meu marido não gosta que eu venha aqui. Fica preocupado. Por isso, vim hoje, que você está aqui. [Rômulo está soprando bolhas de sabão] Olhe, que linda aquela bolha de sabão!

Asclépio É, bonito. As cores são o resultado da interferência luminosa nas paredes da película transparente.

Anita Ela cresce, cresce, incha... Sabe, eu tive um sonho, nesta noite.

Asclépio É?

Anita A bolha me recordou a sensação que tive, certa hora. Quer ouvir o sonho?

Asclépio Pode contar, eu vou tentar interpretar.

Anita Neste sonho...

Eu estava andando pelas ruas de uma cidade. Talvez seja esta, ou outra qualquer. Muita gente em volta, andando como sonâmbulos, como todos nós andamos. Surdos e cegos. Movidos por seus hábitos, fazendo tudo mecanicamente. Nem sei se são seres humanos ou máquinas, robôs.

Eu também caminho, mas quero parar. Quero acordar, e dizer-lhes que despertem, que acordem, que olhem em volta, e que vejam que existe a beleza e existem as outras pessoas. Quero mostrar-lhes que é possível agir despertos. Que toda ação ou trabalho pode ser feito com beleza e amor, por mais simples que seja. Quero pará-los, falar-lhes, gritar-lhes isso. Mas também eu caminho, sem conseguir parar. Caminho todo o dia. Estou exausta. Ando e não consigo fazer o que preciso fazer. Meu corpo dói, estou angustiada.

Anoitece, e estou em um subúrbio da cidade. Sento-me na sarjeta, não sei o que fazer. Estou vazia. Há uma criança suja e linda, ao meu lado esquerdo. Acaricio sua cabeça, mas ela salta, corre à minha volta várias vezes, rindo-se, como se zombasse de mim, mas não fico com raiva. Depois, saltando, vai embora. Levanto-me e a sigo.

Agora, estou fora da cidade. caminhando pelo mato. Caminho às cegas, não sei onde está a menina, e não sei o que fazer. Paro em uma clareira. Tudo está escuro e amedrontador. Estou só, cercada por árvores mudas, mas que gemem e murmuram. Olho para cima, e vejo o céu. As estrelas brilhando. As estrelas! As minhas estrelas! É o lugar que quero atingir. Mas estão longe, piscando, tão sós quanto eu própria...

De repente, sinto que meu corpo incha, vai crescendo como uma bolha de sabão, minha cabeça vai subindo, passa acima do topo das árvores! Estou enorme e brilhante! Estendo os braços, fico na ponta dos pés, e a ponta de meu dedo toca uma estrela.

Há uma explosão de cores e luzes em volta de mim, um mergulho e uma queda,

um atordoamento e um despertar ou adormecer. Vejo-me caída, deitada na clareira. É dia, há um Sol lindo no céu, e à minha frente existe uma trilha que atravessa a mata. Levanto-me, contente, e caminho por ela. Não sei para onde ela me leva, e não importa, o que interessa é andar por ela. Ela é bonita. Já não há angústia ou tensão. Estou em paz, e desperto. *[pausa]*

Foi este o sonho, Asclépio.

Asclépio Você não sabe o que o sonho significa? A interpretação é muito clara.

Anita Não, eu não sei. Sei que tudo pareceu vir de longe, de um lugar que nem sei de onde conheço, de outra realidade. Sei que o sonho me pareceu muito importante, e por isto eu o escrevi.

Asclépio Sim, vem de um lugar distante... de seu inconsciente. O final do sonho, sabe, é muito simples. Você incha, se torna brilhante, sua cabeça sobre, e atinge as estrelas. E isso resolve o problema. Sabe o que é isso? Freud explica. Vamos. Você sabe. O que é que sobre e incha, aumenta de tamanho? Aí está, eu nem precisaria dizer. É o falo, o pênis, o pau de um homem. Sabe a origem da palavra "falo"? Significa brilhante, luminoso. A ereção faz com que você atinja as estrelas, e quando você as toca, atinge o orgasmo. Depois disso, está leve e relaxada. Não pensa mais em nada. Caminha sem direção, e não tem mais problemas.

Anita E você acha que é só isto o que a gente contém? Só sexo?

Asclépio O que mais? Só os instintos são fundamentais. O resto é casca, é invólucro.

Anita Mas o sonho era tão lindo... me pareceu tão importante, senti-me tão pura...

Asclépio Atrás dessa pureza, há a natureza, o sexo. Os instintos.

Anita Mas a tentativa de abordar as pessoas na rua, e mostrar-lhes a beleza neles mesmos, no que fazem, no mundo... O que significa isso? Há algo oculto aí, também?

Asclépio É a insatisfação infantil, o desejo de retorno ao paraíso. Lembra-se da menina do sonho? Eu sei o que você sentiu, pois eu também já senti isso. Vou lhe contar outra história, esta é minha.

Era uma vez uma criança. Ela era, como todas as crianças, muito desastrada, e nada sabia fazer, direito. Os pais e os irmãos mais velhos zombavam dela. Ela percebeu que nada sabia fazer. Que a beleza e a perfeição estavam longe dela. Achou que só os adultos sabiam fazer as coisas certas, perfeitas.

Então, ela foi crescendo. Resolveu que, quando fosse grande, seria como seus pais e irmãos. Mas continuava sem saber fazer algo que o satisfizesse. Já com 14 anos de idade, começou a descobrir que muita gente mais velha do que ele tampouco sabia fazer algo. E se tornou crítico, e sua crítica se voltou agora para fora. E suas primeiras vítimas foram os que estavam à sua volta. Seus irmãos e seus pais. Viu que eles eram fantoches imperfeitos e feios, que o haviam enganado. Que nem eram movidos pelo amor e pela beleza, nem produziam essas coisas. Tentou desculpá-los, mas não conseguiu. E explodiu o ódio contra a farsa em que vivia. Veio a desilusão e o desprezo pelos que pactuavam com a imperfeição e a feiura. Abandonou a casa, e procurou outros ídolos. Conheceu muitos, e destruiu a todos. Não encontrou quem pudesse admirar. Então ele voltou as costas à humanidade, e gritou: "Vocês não

prestam! Seus merdas, vocês não amam a beleza e a perfeição! Vocês não sabem fazer nada, vocês não são nada, seus putos!"

Decidiu isolar-se da sociedade. Mas ainda acreditava em si próprio, e acreditava que fosse possível atingir o cume da montanha. O mais duro despertar foi aquele em que entendeu que era como os outros. Mas não quis fingir. Procurou então os párias, os imundos, os que não fingiam saber algo, e uniu-se a eles.

Anita E depois?

Asclépio Depois, nada. Não há mais nada. Ele encontrou a verdade sobre o homem, e chegou ao fim da picada. Você ainda não chegou.

Anita Talvez esteja perto disso. Perto demais, Asclépio. Mas não há nada além disso?

Asclépio Outra interpretação? Você vê outra?

Anita Não. Talvez seja só isso.

Asclépio Você não pode esperar algo mais bonito de mim. Aqui também não há beleza, há baixeza e ódio. Se você quer outra interpretação, deve pedi-la a outro tipo de pessoa. Aquele louco, por exemplo. [*aponta Rômulo*] Veja suas roupas, que interessantes. Dizem que é um artista, que faz coisas bonitas.

Anita Não zombe, Asclépio!

Asclépio Falo sério! Não estou zombando. Venha cá, você! [*Rômulo se aproxima*] Qual é o seu nome?

Rômulo Não quero dizer. Você não entenderia.

Anita Já ouvi o nome. Não o chamam de Rômulo?

Rômulo É, o pessoal me chama de Rômulo.

Asclépio Ouça, Rômulo: Anita teve um sonho, e quer saber o que significa. Quero que você a ajude a entendê-lo. Conte, Anita.

TERCEIRO ATO – CENA 8

[Anita fica em dúvida. Rômulo chama os outros loucos para perto, e eles se acercam. Anita se decide:]

Anita O sonho foi assim:

[Ouve-se a voz de Anita, gravada, repetindo o mesmo sonho. Rômulo a toma pela mão, e junto com ela e com os outros loucos interpreta – teatralmente – o sonho, sem dizerem uma palavra. Ao final, Anita e Rômulo se abraçam, e saem caminhando, devagar, até saírem de cena. Os loucos aplaudem, e Asclépio fica inicialmente com cara de imbecil. Os loucos mostram uma nova faixa: "Quarto ato: a montagem da Grande Máquina", e saem de cena.]

A Grande Máquina

Peça teatral em quatro atos

Texto de Roberto de Andrade Martins

QUARTO ATO – CENA 1

[Fica em cena apenas Asclépio, pensativo, saindo do Museu.]

Asclépio Creio que ela achou o que queria. Vocês devem saber que os loucos possuem uma força extraordinária. Além disso, os que não são impotentes são verdadeiros garanhões. Ela vai chegar facilmente às suas estrelas.

[O Mecânico está parado, em um canto; Asclépio se aproxima dele.]

Asclépio Quem não vai gostar disso é o Mecânico. Olá! Escute, você é impotente?

Mecânico Não estou entendendo.

Asclépio Você funciona? Ou é "brocha"?

Mecânico Você resolveu encher o saco de todo mundo, não é?

Asclépio Sabe que Anita está sexualmente insatisfeita? E que agora deve estar trepando como louca, com um louco?

Mecânico Você não tem mais nada a fazer? Vá inventar histórias em outro canto. Não venha me colocar mais problemas na cabeça, porque já tenho muitos.

Asclépio Bem, se preferir não acredite. Até logo.

[Asclépio sai.]

QUARTO ATO – CENA 2

[O Mecânico fica parado, no mesmo lugar, imaginando o que pode estar acontecendo. Pensa que o Professor quer apenas enganar-lo, mas de vez em quando começa a ter ciúmes e a temer que seja verdade. A luta interna se manifesta em seu rosto. O Mecânico ficará visível, parado, pensando, até a cena seguinte.]

[Enquanto isso, na outra metade do palco, passa-se uma cena entre Anita e Rômulo. Ouve-se uma gravação com suas vozes, com as falas abaixo, enquanto aparece a representação muda do ritual de iniciação entre eles, em um palco vazio, e ao mesmo tempo a projeção de imagens do mesmo ritual realizado por eles ao ar livre, no campo.]

Anita Vamos, faça algo bonito. Quero aprender a fazer o que você faz.

Rômulo Você não pode fazer o que eu faço. Pode fazer o que você faz.

Anita Faça qualquer coisa, quero ver.

Rômulo Está vendo isto? O que é?

Anita É um tubo.

Rômulo Não. é Uma montanha. Você não vê corretamente. Tente de novo.

Anita Agora você já disse, é uma montanha.

Rômulo Mas você não viu isso. E já não é mais, ou melhor, não é só isso. O que mais é?

Anita Não sei. Acho que é um bonito tubo enferrujado.

Rômulo Não vê estas cascas? É o tronco de uma árvore!

Anita Sim, tem alguma semelhança. Mas para que serve esta brincadeira? Qualquer resposta vale?

Rômulo Claro que não. Isto não é um lago. Mas é a sua coluna vertebral.

Anita Já sei... isto é uma cobra! [*apalpa e sente o tubo*]

Rômulo Isso! Você já está entendendo!

Anita Não, não estou entendendo... mas agora me parece um peixe... essas são as escamas... um peixe que vai saltar da água!

Rômulo Exatamente!

Anita É uma coisa incompreensível: é uma montanha, é uma serpente, é uma árvore...

Rômulo É o arado que fecunda a terra. Trate-o com carinho. O mundo inteiro depende dele.

Anita Como cuidar dele?

Rômulo É preciso untá-lo com manteiga ou saliva, e esfregá-lo bem.

Anita E o que faremos com ele?

Rômulo Agora que você o conhece, podemos fazer algo. Em que posição ele deve ficar?

Anita De pé, é claro.

Rômulo Sim. Mas não na vertical. Inclinado para o Norte.

Anita A base está ligada à terra...

Rômulo No topo há o verde...

Anita Acima há as nuvens, que cercam o cume!

Rômulo Dentro, há o fogo sagrado, que brota de sua ponta.

Anita Lindo! Lindo!

Rômulo Tronco divino, seja-nos propício.

QUARTO ATO – CENA 3

[Somem Rômulo e Anita. O Mestre se aproxima do Mecânico.]

Mestre Senhor Mecânico, estamos seriamente preocupados com sua esposa.

Mecânico Sim? O que foi? Asclépio andou lhe contando besteiras, também?

Mestre Asclépio? Não. É que eu a vi brincando junto com um louco. Enterravam um tubo velho no chão, e o cobriam com folhas e flores. E ela parecia estar gostando daquilo, levando a sério.

Mecânico Ora, isso não tem nada demais.

Mestre Bem, só queria avisá-lo. Passar bem. *[O Mestre sai.]*

QUARTO ATO – CENA 4

[O Mecânico fica pensando. Anita e Rômulo se tornam novamente visíveis, no mesmo lugar. Depois de algum tempo o Mecânico, sai para procurar Anita. Passa por perto de onde ela e Rômulo estão, sem vê-los. Enquanto isso, Anita e Rômulo representam uma cena de solidão e busca mútua. São projetadas as imagens correspondentes, e ouve-se a gravação das vozes.]

Anita Esta esfera oca é a lua

Rômulo É um poço, também. Em seu fundo existe água.

Anita Mas não tem fundo. É um túnel sem fundo, a alma da Terra, em cujo fundo se vê o céu.

Rômulo É uma boca. Eis os dentes.

Anita Ela engole a alma dos mortos.

Rômulo É uma gota de água do mar.

Anita É uma concha. Nela existe uma pérola.

Rômulo Há tesouros brilhantes, lá dentro.

Anita Sua superfície está porejada de gotas de suor.

Rômulo Ela engole essas flores azuis.

Anita Aqui está um espelho. E ela é o seu próprio reflexo.

QUARTO ATO – CENA 5

[Rômulo e Anita continuam visíveis. O Mecânico e Asclépio entram em cena, de pontos diferentes, e se encontram.]

Mecânico Eu fui procurar Anita, e não a encontrei.

Asclépio Ela estava no museu. Deve estar lá perto.

Mecânico procurei por toda a cidade, e não a vi.

Asclépio Vamos procurá-la, juntos. Eu sei onde ela está.

[Saem Asclépio e o Mecânico.]

QUARTO ATO – CENA 6

[Continua a cena de Anita e Rômulo. Eles se encontram, e seus braços e mãos começam a se ligar. Ao mesmo tempo, são vistas as projeções das imagens e ouvem-se as gravações de suas vozes.]

Anita Esta corrente transmite o movimento de um lado para o outro.

Rômulo É a ponte de energia entre o Céu e a Terra.

Anita O Céu fecunda a Terra com a chuva que desce.

Rômulo Desce por um tubo de luz uma cadeia de flocos de cristal.

Anita Da Terra crescem as flores, que agradecem aos Céus a chuva.

Rômulo Sobem vapores, e a água retorna ao Céu.

Anita Céu e Terra estão interligados e unidos.

Rômulo Isso são os ramos e as raízes que se espalham e ligam a árvore ao mundo.

Anita É a luz que liga nossos olhos.

QUARTO ATO – CENA 7

[Rômulo e Anita continuam visíveis. O Mecânico e Asclépio entram em cena, juntos, e passam por perto de Anita e Rômulo, sem vê-los.]

Asclépio Onde podem ter se metido?

Mecânico É estranho... deveriam estar aqui! Sinto que estão próximos. Mas não os encontro.

[Mecânico e Asclépio saem]

QUARTO ATO – CENA 8

[Continua a cena de Rômulo e Anita, que se beijam, no prosseguimento do ritual, com projeção de imagens e vozes gravadas.]

Anita Quem é ele?

Rômulo Este, a quem coloco no alto e adoro, é o Sol. Veja como brilha. É de ouro vivo. *[Uma roda ou engrenagem]*

Anita Sinto o calor de seus raios em mim... não posso tocá-lo, ele me queimaria!

Rômulo Ele a ferirá e matará se você se aproximar dele de modo incorreto. Você deve se aproximar pela frente. E adorá-lo, antes de tocá-lo.

Anita Senhor, amigo, meu calor, fonte de meu fervor! Aqui estou eu, e quero mergulhar em sua luz, e receber e sentir pulsar em mim sua energia! Seja-me gentil, pois sei que pode destruir-me!

Rômulo Os outros que o vêem podem não reconhecê-lo. Vamos mostrar quem ele é. Vamos colocar seus raios, que fazem brotar a erva dos campos.

Anita Seus raios são feixes de trigo.

Rômulo Seu brilho são as flores brancas que brotam de sua face.

Anita Ó Sol, meu deus, não há outro mais belo!

Rômulo Ele nos sorri, vê? Ele nos agradece nosso carinho. Já o adoramos. Até logo, mestre e amigo!

Anita Até logo, meu Senhor!

QUARTO ATO – CENA 9

[Em cena, Anita e Rômulo param de beijar-se. Separam-se um pouco, dão-se as mãos, e caminham pelo palco, amorosos. A projeção e a gravação terminaram. Anita separa-se de Rômulo e examina as coisas que estão à sua volta. Eles falam, em cena:]

Anita Estou entendendo cada uma das peças... mas isso são partes. E a máquina completa? Não podemos construir a Grande Máquina?

Rômulo A Máquina! Você quer montá-la?

Anita Sim, queria. Gostaria de ver o conjunto, a unidade.

Rômulo A máquina! Você quer montá-la! Há quantos séculos esperei por este dia, o dia em que encontraria uma companheira para a Grande Obra! A partir de agora, você terá um novo nome: vai se chamar Iza. E este nome significará: "Aquele que busca o Infinito".

Iza Iza... eu me chamo Iza!

Rômulo Estou aqui há tanto tempo, apenas para montar a Grande Máquina... e só agora alguém me pede isso... nós a montaremos, Iza.

Iza Vamos reunir todas as peças!

Rômulo Sim, vamos correndo. Hoje mesmo ela estará pronta!

Iza Por que você ainda não a montou?

Rômulo Não posso fazer isso sozinho. Duas pessoas precisam morrer para montá-la. Uma só não poderia.

Iza Então, vamos morrer? Mas eu quero viver!

Rômulo Não tente entender e parar o movimento! Vamos!

Iza Vamos!

[Iza e Rômulo saem.]

QUARTO ATO – CENA 10

[*Entra o Mecânico, pensativo e cansado; em um canto, surgem Ana e Nelson; estão agachados.*]

Mecânico Já quase terminou a noite, e não os encontrei... Parece que se evaporaram, ou passaram para uma outra dimensão. É como se... sei lá o que está acontecendo...

Ana [sussurrando] Mecânico!

Nelson [sussurrando] Ouça!

Ana Nós vimos os dois!

Nelson Estavam no museu!

Mecânico Mas como!? Passei por lá várias vezes! Estavam escondidos?

Ana Não.

Nelson Sim.

Ana Estavam lá.

Nelson Junto ao saguão.

Mecânico Lá no saguão do museu não há lugar onde eles pudessem se ocultar. Eu os teria visto.

Ana Eles não quiseram ser vistos por você.

Nelson Estavam reunindo todas as peças da Grande Máquina.

Ana Eles vão montá-la.

Nelson Ou já montaram.

Mecânico Se ela está lá, vou buscá-la.

Ana Não vá.

Nelson Asclépio está lá.

Ana Ele os observa.

Mecânico Anita não veio para casa, esta noite. Não vou ficar esperando. Vou procurá-la.

Ana Anita não existe mais.

Nelson Mas quando ela morreu, nasceu Iza.

Ana E em breve não terá mais nome.

 [*Entra Asclépio, pensativo.*]

Asclépio Eu os vi, Mecânico. Estão no Museu.

Mecânico E o que estão fazendo lá? Por que não trouxe Anita?

Asclépio Nem pensei nisso. Só fiquei observando. [*pausa*] Estavam montando a Grande Máquina.

Mecânico E o que me interessa isso? Você se esqueceu de que estávamos procurando Anita para trazê-la de volta para casa?

Asclépio Ela certamente não viria, a não ser a força. E isso eu não faria.

Ana Ela não viria, a não ser a força.

Nelson Mas isso Asclépio não faria.

Ana Foi por isso que ele os viu.

Mecânico Vou até lá. [*O Mecânico sai.*]

Asclépio Que coisa estranha estavam fazendo... tudo loucura, mas não consigo parar de pensar nisso, é como se houvesse um sentido...

Ana [*do escuro*] Havia um sentido.

Nelson Faziam coisas estranhas.

Asclépio Tratavam as peças com carinho, conversavam com elas e as uniam de acordo com regras absurdas... pela semelhança de gosto, de textura, de forma...

Ana As peças estão vivas.

Nelson Eles lhes deram almas.

Asclépio Adicionaram flores, e depois começaram a colocar-se no meio da própria

montagem... prendiam peças ao corpo, e entravam no mecanismo...

Ana Eles fazem parte da máquina.

Nelson É tudo uma só coisa.

[Nelson e Ana somem.]

QUARTO ATO – CENA 11

Asclépio Passaram horas assim sem perceber que eu os observava, ou talvez sabendo. Não crio que as conexões que fizeram possam funcionar, mas tudo isso me deixou impressionado. Gostaria de entender... é como se houvesse algo oculto, por trás disso...

[*Entra o Mecânico, devagar, carregando uns papéis. Pára.*]

Mecânico Asclépio!

Asclépio Não os encontrou?

Mecânico Não... não estavam lá.

Asclépio Você deve estar cego!

Mecânico Mas havia algumas coisas escritas, por lá... nas paredes, em um papel, no chão e em uma folha seca. Parecia escrito com sangue. Era a letra de Anita.

Asclépio E o que estava escrito?

Mecânico Eu os copiei. Ouça:

"A obra está completa. A união foi perfeita, e agora o que está dentro é como o que está fora."

"Aproxima-se a grande luz. Eu tremo de medo, de ansiedade, e no entanto vou a seu encontro. Ela me queima, me destrói, e agora eu também sou luz."

"Agora começa tudo. A grande caminhada em direção à outra margem, que consegui antever. Não serei serpente, cavalo ou leão. Aquilo que não tem nome, isto serei."

"Já deixo este mundo. Adeus, meu Mecânico! Adeus, Asclépio, Marta, Anita. Sigo meu sonho, e caminho em direção à mata e às estrelas."

QUARTO ATO – CENA 12

[*Aparecem Nelson e Ana.*]

Nelson Atravessaram a barreira.

Mecânico Foram para o pântano!

Ana A Grande Máquina desapareceu.

Mecânico Foram-se! Anita enlouqueceu totalmente!

Asclépio Não creio. Não, nenhum dos dois está louco. Não são como nós, mas não são loucos.

[*Entra Marta; o Mecânico não os ouve, em sua dor.*]

Marta O que aconteceu com Anita?

Asclépio Ela e Rômulo passaram a noite montando a Grande Máquina. E montaram. Agora, atravessaram a fronteira.

Marta Mas não devem estar longe. Não se pode impedi-los?

Asclépio Não. Não podemos alcançá-los, Marta. Olhe, deixe-me tentar explicar. Acho que estou entendendo. Não compreendo os detalhes, mas sei que eles estão mais corretos do que nós todos. Veja, Marta, eles em um dia conseguiram o que eu sempre desejei! Aquilo que eu julgava impossível, eles o fizeram. Atingiram a perfeição e a beleza, e, por meio disso, a felicidade.

Marta Mas como conseguiram isso?

Asclépio É complicado demais, ou simples demais, para se entender conceitualmente. Eles usaram as partes da mente e do corpo que nunca pensei em utilizar. Usaram o inconsciente, as emoções, as intuições. Usaram suas bocas, sua pele e cabelos. Usaram tudo para montar a Máquina, e agora estão libertos. Rômulo talvez já o fosse. Agora, Anita também está. Anita, não. Foi Iza quem se libertou.

Marta E o que é a Máquina?

Asclépio Ela não tem importância, e não existe, sem eles. Somente sua construção importa. E cada pessoa precisaria descobrir como montá-la.

Marta Você estava certo, então, sobre a finalidade da Máquina?

Asclépio Não, eu não a entendia corretamente. Agora acho que a compreendo, mas posso dizer muito pouco. Ela serve para unir ao universo, ela permite participar das energias e da grande evolução cósmica. Ela destrói a estagnação, quebra as barreiras e leva ao novo mundo.

Mecânico Só o que sei é que estão longe. Seguiram seu sonho, e ultrapassaram a fronteira. Talvez estejam mortos. Ou enlouqueceram, agora.

Marta Você não acredita nisso. Finge acreditar, mas não crê. Você pensa que estão loucos, desde o início.

Mecânico Talvez. Mas se eles voltassem eu tentaria entendê-los.

Marta Entendê-los como Asclépio?

Mecânico Talvez. [*pausa*] Ou talvez como Yuri.

Marta Yuri?

Yuri Sim. Este é o meu nome.

Asclépio "Se eles voltassem..." Para que pensar nisso? Tivemos uma oportunidade, e não aprendemos tudo o que podíamos.

Marta Eles voltarão. Eu sei.

Asclépio É bom sonhar.

Marta Um dia, eu gritarei: "Eles voltaram, Asclépio!"

QUARTO ATO – CENA 13

[Entram os três Jograis]

Jograis Eles voltaram, Asclépio!

Asclépio Quando? Onde estão?

Jogral 1 Rômulo e Iza.

Jogral 2 Chegaram à aldeia.

Marta Como estão eles?

Jogral 1 Felizes.

Jogral 3 Poderiam estar diferentes?

Jogral 2 Penduraram à janela do Mestre uma linda pedra, envolta em cipós e flores vermelhas.

Jogral 3 Eles trazem notícias do outro mundo.

Asclépio O que dizem eles de lá?

Jogral 1 Dizem que não existe.

Jogral 2 Que todo o universo está aqui.

Jogral 3 Que não há pântano a atravessar.

Yuri Isso não é possível. E todos os loucos que já vieram até aqui?

Jogral 1 Rômulo diz que não são loucos.

Jogral 2 E que jamais vieram de lugar algum.

Jogral 3 E, de fato, eles são como nós.

Yuri Mas onde estão eles? Quero vê-los, quero ver como está Anita.

Jogral 1 Anita morreu.

Jogral 2 Esqueça-se dela.

Yuri Quero entendê-los. Quero que me guiem e me mostrem o seu mundo.

Jogral 1 Podemos levá-lo.

Jogral 2 Mas eles não guiarão.

Jogral 3 Certamente que não.

Yuri Serão capazes de me desprezar, assim? Olhem, é preciso dizer-lhes que só desejo aprender, que nada de mau tenho contra eles.

Jogral 1 Podemos dizer-lhes.

Jogral 2 Mas eles nada ensinarão.

Jogral 3 Certamente que não.

Yuri Terei me enganado com eles? Como podem deixar de aceitar-me? Digam-me, eles têm raiva de mim?

Jogral 1 Não, eles não tem.

Jogral 2 Eles gostam de você.

Jogral 3 Ficarão felizes por vê-lo.

Yuri Então, por que não poderão me dar a felicidade, se eles a atingiram? Por que não me guiam, por que não me ensinam a ser como eles?

[Entram Iza e Rômulo.]

Rômulo Se não existe um guia, como pode haver alguém guiado?

Iza Se não há o que aprender, como poderíamos ensinar?

Rômulo Nós nada temos, a não ser amor.

Iza Dê-me um abraço. Nada mais nos peça. *[Abraça Yuri.]*

Rômulo Você de nada precisa.

Asclépio É bom vê-los de volta. Somente agora entendi o que vocês fizeram.

Iza E o que fizemos?

Asclépio Não adianta explicar. Se eu tentar, vocês vão me deixar confuso, e dizer que não é. Mas não é preciso explicar. Está tudo certo. Vocês montaram a Grande Máquina.

Marta Onde está ela?

Rômulo Aquela? Aquela não interessa mais.

Marta Onde vocês a deixaram?

Rômulo Ela está aqui.

Iza Há outras a montar. A aldeia está cheia de coisas e de pessoas desconexas.

Rômulo Não há um fim, no tempo.

Iza A montagem deve prosseguir, sempre nova, a cada instante, com novas pessoas e novas peças.

Rômulo Vi sempre-vivas perto do chiqueiro. E uma linda garrafa quebrada ali fora.

[Saem os Jograis, Rômulo, Iza. Vão para a saída do teatro, onde ficarão "brincando" com flores, peças, etc. Yuri pensa um pouco, depois os segue.]

QUARTO ATO – CENA 14

[Marta e Asclépio estão em cena. Silêncio.]

Marta Por que não vai junto?

Asclépio Estou pensando.

Marta Mas você sabe que não basta pensar.

Asclépio Eu sei. Mas estou pensando.

Marta Você não quer aprender com eles?

Asclépio Sim. Quero.

Marta Não quer. Não pode.

Asclépio Eu quero.

Marta Não. Não é capaz. Não adianta.

Asclépio Por que não?

Marta Porque você os entendeu. Segui-los, agora, não seria uma loucura. Seria jogar com cartas marcadas.

Asclépio Sim. Eu compreenderia o que ocorresse. Mas ficaria de fora.

Marta Isso não seria honesto.

Asclépio Isso não funcionaria. Isso... sei lá. De fato, não posso ir com eles. Para isso, precisaria entrar em sua loucura, e não consigo. Só consigo entendê-los e admirá-los.

Marta Sim. Eu também não posso ir.

Asclépio Você é minha irmã. É como eu.

Marta Sim. Pensamos do mesmo modo. Não daria certo.

Asclépio Mas muita gente pode ir.

- Marta Sim. Muitos dos que estão aqui. Podemos pelo menos mostrar-lhes isso. Também é um papel bonito, não é?
- Asclépio [*Dirigindo-se ao público:*] Vocês todos, o que estão fazendo aí?
- Marta Amigos, vocês estão no lugar errado. O lugar certo é lá fora.
- Asclépio Iza e Rômulo estão lá na saída do teatro, brincando.
- Marta Quem quiser, pode ir ter com eles, e brincar com eles. Verdade, qualquer um pode.
- Asclépio Não é verdade. Olhem: não é qualquer um que pode ficar com eles.
- Marta É preciso julgá-los loucos. É preciso duvidar do que eles fazem. É preciso não ter entendido o que Asclépio disse.
- Asclépio É preciso não acreditar que essa brincadeira vai levá-los a coisa alguma.
- Marta E, no entanto, é preciso achar linda essa loucura.
- Asclépio E mergulhar nela, de corpo e alma.
- Marta Todos os que puderem, vão embora, por favor.
- [*Acendem-se as luzes da platéia.*]
- Asclépio Só fiquem os que concordarem comigo. Os que concordam que deveriam ir embora, mas não podem fazê-lo.
- Marta Só fiquem aqui os que são incapazes de brincar.
- Asclépio Como nós.
- Marta Como nós. [*grande pausa*] E esse pessoa? e nós?
- Asclépio O caminho de Rômulo nos está vedado.
- Marta Existe outro?
- Asclépio Tão direto quanto este, não.
- Marta Existe outro? [*pausa*]
- Asclépio Acho que não. Mas de qualquer forma, podemos ajudá-los, falar sobre eles, conseguir levar a eles mais pessoas.
- Marta Se você não os entendesse...
- Asclépio Não é possível seguir esse caminho, se ele é compreendido e reduzido à razão.
- Marta Se houvesse outro caminho, absurdo...
- Asclépio Só a fé no absurdo pode levar à libertação.
- Marta [*alegrando-se*] Há alguém que podemos seguir.

- Asclépio Quem?
- Marta Uma pessoa em quem não confiamos. Cujas idéias e métodos são absurdos, e a nada podem levar.
- Asclépio Há muitos assim. Mas nós não seremos capazes de ir atrás deles, porque somos racionalistas. Você seguiria o Mestre, por exemplo?
- Marta Não. Mas há pelo menos um que conseguiríamos seguir.
- Asclépio Duvido.
- Marta É Asclépio.
- Asclépio Eu? Como posso seguir-me a mim próprio?
- Marta Você pode. E deve.
- Asclépio Não sei se estou entendendo... [*começa a alegrar-se*]
- Marta Nem eu. Mas veja que idéia estranha me ocorreu: nós sabemos que você tem sido um perfeito idiota, e a nossa situação atual, incapazes de seguir Rômulo, é a melhor prova disso.
- Asclépio De acordo.
- Marta Nós chegamos à conclusão de que o raciocínio não é o caminho da felicidade.
- Asclépio Concordo.
- Marta Então, não adianta continuar a fazer o que você sempre fazia.
- Asclépio Exatamente!
- Marta E por isto queremos mudar. Vamos fazer algo absurdo, ao invés de sermos racionais. E o absurdo que vamos fazer será o de sermos racionais até as últimas consequências!
- Asclépio E isso não pode levar a coisa alguma! [*abraçam-se.*]
- Marta Não é lindo, isto? Não é este o nosso caminho?
- Asclépio É muito bonito... e é a única saída.
- Marta Errado. Não temos saída alguma. Estamos perdidos.
- Asclépio Então, mergulhemos de cabeça nisso!
- Marta De corpo e alma!
- Asclépio Vamos até o fundo dessa coisa sem fundo. Vamos desenvolver em nós o raciocínio, a inteligência, e ajudar os outros a fazerem o mesmo, embora sabendo que isso não conduz à felicidade.
- Marta Sim. E como seria absurdo que isso levasse à felicidade, é claro que conduzirá.

Asclépio É claro. E como é claro, não dará certo.

Marta *[Para o público:]* Pessoal! A peça terminou.

Asclépio Não vamos mais representar. Terminou o espetáculo. Chega de teatro. Agora, a gente tem mais coisas para fazer.

Marta Pode ser que alguns de vocês tenham achado uma piração muito louca essa nossa conversa final.

Asclépio Quem quiser participar dessa piração, fique aqui para conversar conosco. Os outros podem sair.

Marta Fique quem, sem entender bem, queira seguir conosco esse sonho.

Asclépio Só fique aqui, agora, quem quiser participar, conosco, da construção da Grande Máquina.

[Aparece um cartaz: "Reunião do grupo de estudos da Grande Máquina: aqui, agora". Marta, Asclépio e outros fazem uma reunião com os interessados, enquanto Rômulo, Iza, Yuri, Ana e Nelson brincam com os que quiserem segui-los, em qualquer lugar.]

SEM FIM

Se esta peça for encenada de forma correta, não haverá aplausos do público.